

# BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



1 DE FEVEREIRO DE 1909

N.º 241

## Exequias na Sé de Lisboa por alma das victimas do terramoto na Sicilia e na Calabria



El-Rei e Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia sahindo da Sé

# O terramoto de Lisboa em 1755



A recente catastrophe do sul da Itália, que tanta impressão causou em todo o mundo e de que o "Brasil-Portugal", mais adiante, ainda hoje se occupa largamente, veio tornar lembrado o terramoto que destruiu Lisboa em 1755, dando portanto actualidade ás interessantes gravuras que accompanham o seguinte trecho das "Recordações", de Jacome Ratton:

## Epoca e successos respectivos ao Terramoto de 1755

Entre os acontecimentos extraordinarios da minha vida, não devo omitir a meus filhos o que passei na occasião do memoravel terramoto de Lisboa, que teve logar no 1.º de Novembro de 1755, pelas nove horas e meia da manhã; e como fôsse dia de Todos os Santos tinha eu hido á Missa á Igreja do Carmo, cujo tecto era de aboboda de pedra, e derrubado matou muito povo que ali se achava, de cujo perigo escapei por ter hido mais cedo e me achar na dita hora nas agoas-furtadas das minhas casas mostrando a hum comprador huma partida de papel, que nos tinha vindo avariado, e ali se tinha posto a enxugar. Ao sentir o primeiro abalo, me occorrem muitas reflexões tendentes a salvar a minha vida, e não ficar sepultado debaixo das ruinas da propria casa, ou das vizinhas, se descendo as escadas fugisse para a rua; mas tomei o partido de su-

bir ao telhado, nas vistas de que, abatendo a casa, eu ficasse sempre superior ás ruinas. Já quando eu tomei este expediente era tanta a poeira, que, á maneira do mais denso nevoeiro, impedia a vista, a duas braças de distancia; só passado alguns minutos, que a dita poeira se foi dissipando, é que eu pude ver o interior das casas vizinhas, por terem cahido as paredes fronteiras, até aos primeiros andares, ficando os telhados apenas sustidos pelas paredes divisorias. Seus habitantes, alguns ainda em camisa, correndo espavoridos de huma a outra parte, imprecavam os auxilios do Céu e dos homens em seu soccorro.

A' vista d'esta horrivel scena, me resolvi descer as escadas, e fugir para a rua, a fim de buscar alguma parte aonde me julgasse mais seguro.

Ao descer as escadas encontrei meus paes, que afflictos me buscavam nas ruinas de hum grande panno da chaminé que tinha cahido, e debaixo do qual me julgavam sepultado. Foi inexplicavel o nosso contentamento quando nos encontrámos; mas eu, sem perder tempo, lhes pedi que me acompanhassem para o largo mais proximo, que era ao fundo da rua do Alecrim; e encontrando, de passagem, D. Maria Castro, nossa vizinha, pouco mais ou menos da minha idade, que tambem fugia, a tomei pelo braço, e seguimos a rua dos Remolares por cima dos entulhos, e muitos corpos mortos,



O terramoto de Lisboa em 1755. — Ruínas da Basilica de Santa Maria — (Da colleção do sr. Alfredo Guimarães)

até á beira-mar, aonde nos julgavamos mais seguros. Mas, pouco depois de ali termos chegado, assim como muita gente, se gritou que o mar vinha sahindo furiosamente dos seus limites: factó que presenciámos, e que redobrou o nosso pavor, obrigando-nos a retroceder pelo mesmo caminho, e a procurar, pela rua de S. Roque, o alto da Cotovia, então obras do conde de Tarouca, depois Patriarchal, e hoje Erario Novo, aonde tambem vieram ter, por diversos caminhos, meus paes, e os parentes da dita senhora, todos na maior

ocasião a fazer cada hum os arranjos, que lhe permittiam as circumstancias.

Na madrugada do seguinte dia, me convidou meu pae para o acompanhar ás nossas casas, e ver se d'ellas podiamos salvar alguma coisa, principalmente o precioso, livros e papeis de maior importancia. Não foi sem bastante trabalho, que nos sahimos bem d'esta empreza; por quanto descendo pela rua de S. Bento, ainda com poucas casas, atravessámos do Poço dos Negros para o Poço



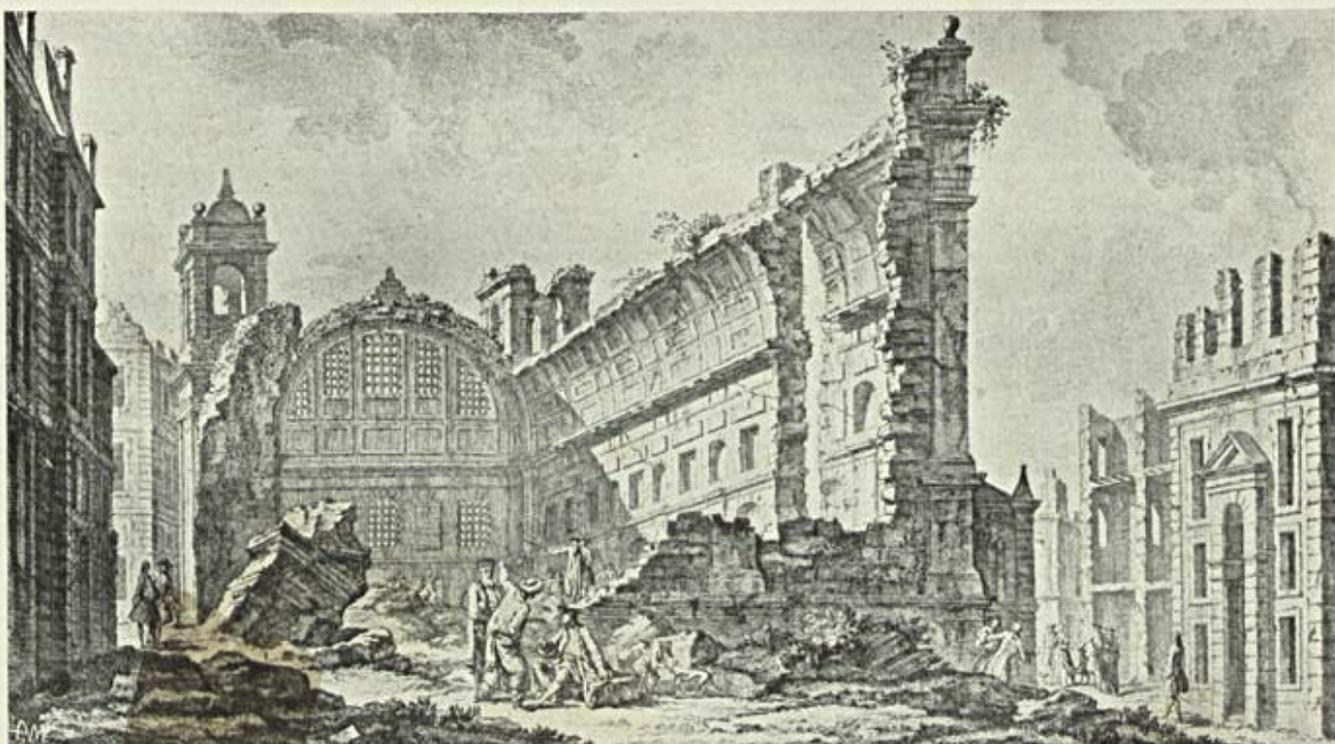
O terramoto de Lisboa em 1755. — Restos da igreja de S. Paulo — (Da collecção do sr. Alfredo Guimarães)

inquietação, por não saberem huns dos outros, como aconteceu a immenso povo, que procurou aquelle sitio descampado, então terras de pão, desde o alto da rua de S. Bento até á travessa de Pomal e Cardaes de Jesus, havendo apenas algumas casas na rua que vae desde o pateo do Tijolo, ou obras do conde de Soure, até á fabrica da seda, que já existia, assim como tambem a casa de D. Rodrigo, actualmente Imprensa Regia, e o Convento dos Jesuitas, hoje Collegio dos Nobres.

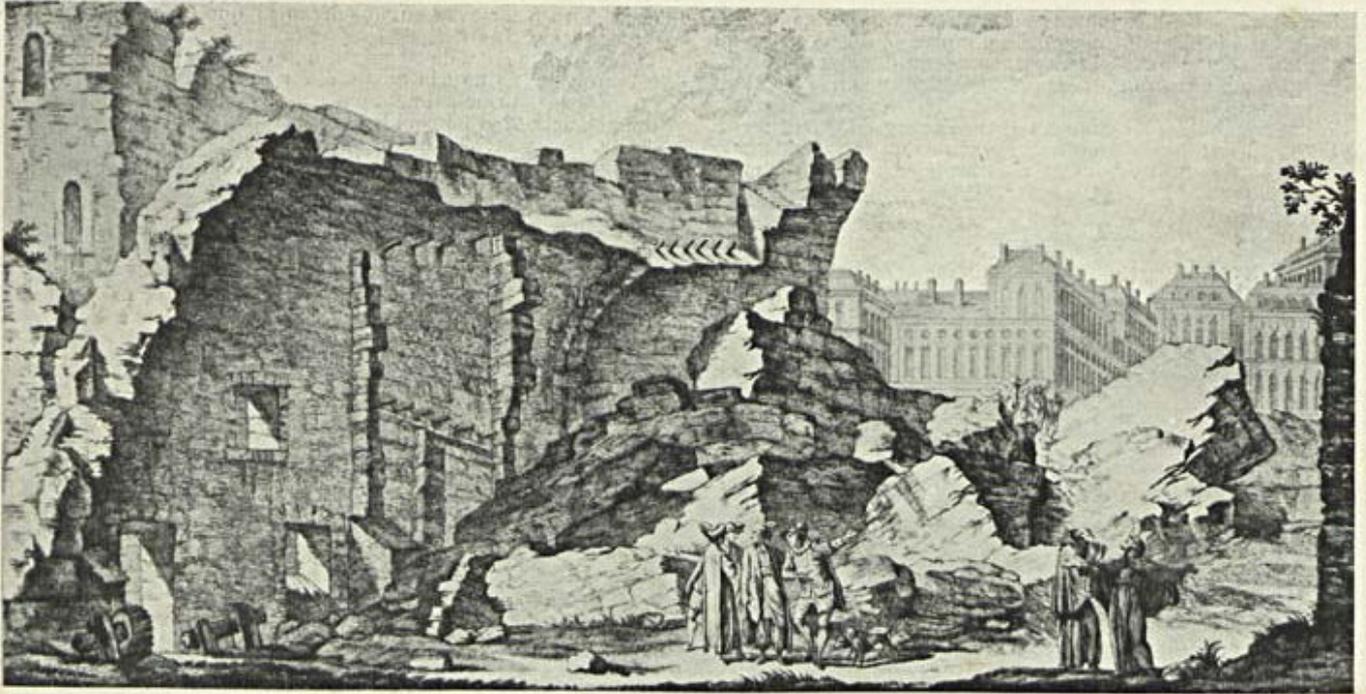
O descampado d'aquelle alto dava logar a descobrir-se a cidade por todos os lados, a qual, logo que foi noite, apresentou á vista o mais horrivel espectaculo das chammas que a devoravam, cujo clarão allumiava, como se fosse dia, não só a mesma cidade, mas todos os seus contornos, não se ouvindo senão chôros e lamentações e chôros entoando o Bemdito, Ladainhas e Miserere. Por fortuna, o céu se conservava claro e sereno, e o terreno enxuto, por não ter até então havido chuvas, nem as haver por oito dias mais, o que deu

Novo, tomámos a calçada do Combro e rua Loreto, para descermos ao fundo da rua do Alecrim, de cujo logar avistámos já em chammas a propriedade pegada com a nossa casa, restando-nos apenas tempo para tirar os artigos acima ditos, que mettemos em hum bahu, que meu pae por uma banda, e eu por outra trouxemos, por entre chammas em que ardiam as ruas do Alecrim, S. Roque, e S. Pedro de Alcantara, até o alto da Cotovia, aonde minha mãe nos esperava. D'ali nos partimos com o bahu em huma besta de carga, que por fortuna appareceu, e nos dirigimos a huma quinta de pessoa de nossa amizade, sita na estrada do Lumiar, adiante do Campo Grande, aonde fomos bem recebidos, e alojados no jardim, debaixo de huma barraca feita de lençoes e alastrada de colchões, sobre os quaes dormiam promiscuamente, e sem se despir, tanto a gente de casa como a de fóra, porque ninguem se animava a dormir debaixo de telha.

Os hospedes eram muitos, e o pouco comer, porque todos tinham



O terramoto de Lisboa em 1755. — Ruínas da igreja de S. Nicolau — (Da collecção do sr. Alfredo Guimarães)



O terramoto de Lisboa em 1755. — O que ficou da Torre de S. Roque, chamada vulgarmente Torre do Patriarcha  
(Da colleção do sr. Alfredo Guimarães)

receio de se demorar na cosinha, que havia, pago em commum, era mal feito; e houve tanta escacez de pão, que meu pae e eu fomos com huma besta de ceirão buscar huma carga a Linhá Pastora, nas visinhanças de Barcarena. N'aquella quinta nos demorámos sómente os dias necessarios para nos refazer do vestuario indispensavel, principalmente roupa branca; visto que não foi possivel a cada hum salvar mais do que aquella que tinha no corpo.

(Das Recordações de Jacome Ratton.)

## Dez annos depois

Entra hoje no decimo primeiro anno da sua existencia o *Brasil-Portugal*.

Até agora, sempre que a nossa Revista entrava n'um novo anno, feliz ensejo se nos offerecia de nos congratularmos com todos os seus leitores, com todos os seus assignantes, os mais recentes e os que desde a primitiva nos teem acompanhado, de nos felicitar-mos por vencermos mais uma *étape*, por se abrir deante de nós um novo periodo em que continuaríamos o programma, nunca até hoje rasgado ou diminuido.

Antes nos rejubilavamos de afirmar sempre que em excede-lo, em amplia-lo, em desenvolvê-lo iamós pôr toda a nossa vontade, empregar todo o nosso esforço. Decorria um anno mais e qual era o nosso jubilo quando chegados ao termo, averiguavamos que estava de pé o compromisso tomado, e acreditada a firma dos directores da Revista, que, juntamente com as mais flagrantes actualidades, procuravam fixar, nestas columnas, as mais bellas manifestações da arte contemporanea, e dar, por assim dizer, aos grandes acontecimentos a sua face esthetica e a sua fórma plastica.

Esse jubilo nunca o occultámos e neste momento em que renova-lo seria o nosso maior empenho, treme-nos a penna nas mãos, não de alvoroço, mas de recordação lutuosa.

E' que n'este dia em que passa mais um anno sobre a vida do *Brasil-Portugal*, um anno passa tambem sobre o mais tremendo acontecimento que tem enxovalhado e ennegrecido a Historia Portuguesa.

E', pois hoje, sepultado em dôr, repassado de saudade, o jubilo com que todos os annos, neste dia nos congratulamos com os nossos leitores.

E só nos resta confiar em que continuarão a acompanhar-nos com a sua sympathia e com a sua estima durante a vida do *Brasil-Portugal*, que em Deus esperamos seja longa e util.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Conselheiro J. d'Azevedo Coutinho

Dig.<sup>mo</sup> Governador Civil de

LISBOA

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

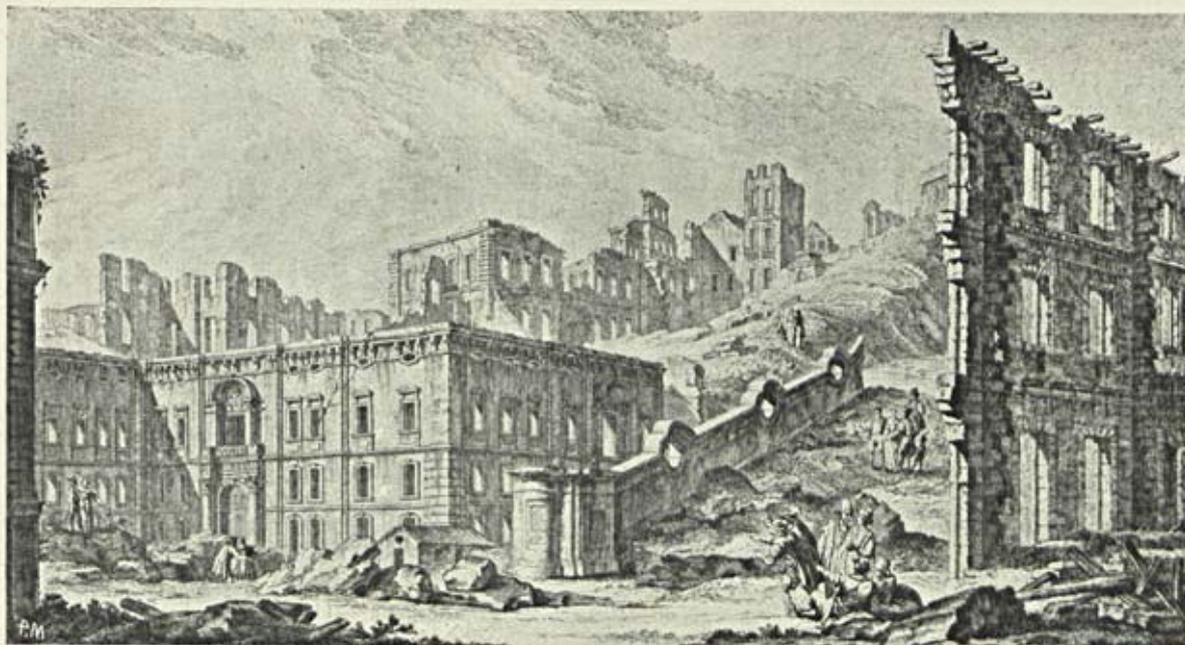
Ha uns sete ou oito annos, tive a honra de ser apresentado a v. ex.<sup>a</sup> por um amigo commum. Foi no theatro da Rua dos Condes, n'um dos intervallos da decima quinta representação de uma peça minha, que o empresario Carlos Borges me offerecera. Apenas trocámos cumprimentos muito cordeaes e a palavras gentilissimas de applauso e imerecido elogio de v. ex.<sup>a</sup> eu respondi agradecimentos. Por ahi nos ficámos. Mas, comquanto eu não tornasse a encontrar v. ex.<sup>a</sup>, nunca o esqueci, mercê do seu fidalgo trato, prenda que vae rareando entre nós, e longe de apoucar, antes esmalta as nobres qualidades de v. ex.<sup>a</sup>, intrepido vencedor de velhacos pretalhazes insubmissos e valoroso marinheiro.

Isso me anima a dirigir hoje a v. ex.<sup>a</sup> estas mal alinhavadas re-gras, pedindo mil desculpas por as traçar em mangas de camisa. Mas succede que o meu casaco está sendo convenientemente tratado pela minha creada, porque ha pouco, na rua do Arsenal, uma peixeira, em nome da Liberdade, de Igualdade e da Fraternidade, permitindo-se o uso do passeio, com a canastra á cabeça, entendeu purificar-me com a agua lustral em que mergulhavam as suas pescadas.

Eu conto o caso. Mas vou primeiramente vestir o meu velho varino e já volto.

Em primeiro lugar devo dizer a v. ex.<sup>a</sup> que, escrevendo-lhe esta carta, eu não formulo uma queixa contra a policia. Eu, em regra, não me queixo de ninguem; nem da sorte que para mim tem sido uma descoroavel madrastra. Que o diga o meu pobre jaquetão de flanela azul n'este momento a seccar, com as mangas estiradas n'uma corda esticada, como dois braços que se abrissem no irado gesto de uma imprecação.

Ha muito considero o policia um animal domestico, como o gato,



O terramoto de Lisboa em 1755. — A Praça da Patriarchal depois do cataclysmo — (Da collecção do sr. Alfredo Guimarães)

com o qual é necessario não brincar. E' que por quatro vezes tenho encontrado policias em minha casa. A quarta foi n'um dos ultimos dias do mez passado. Entrando em casa com galochas de borracha, não fui presentido, devendo a esta circumstancia o gozo ineflavel de ir encontrar sentado á minha mesa, precisamente no meu logar, um digno guarda, soprando e sorvendo a largos goles, uma tijella de caldo (que me pareceu estar uma delicia) sob o olhar enternecido da minha creada, que é precisamente a mesmissima fufia que n'este momento está na cosinha a sanforinar-me os ouvidos com a sua cantiga predilecta:

Quem pode viver contente  
Ausente do seu amor

Não sei se v. ex.<sup>a</sup> percebe o espirito da trova. Está damnada por servir á segurança publica metade do meu jantar.

Perdão, perdão! Eu comprehendo o gesto de v. ex.<sup>a</sup>... V. ex.<sup>a</sup> quer que eu lhe diga quem era o policia, o numero do homem... Lá isso, tenha v. ex.<sup>a</sup> paciencia... não lhe farei a vontade. Eu não sou denunciante. Tanto mais, que a creatura portou-se com uma generosidade credora do meu reconhecimento eterno. Não me deu um tiro, não me prendeu, nem ao menos me bateu. Retirou-se prudentemente, deixando-me em paz, e o quarto e talvez ultimo acto d'esta tragedia policial, que se vem representando vae em dez mezes na minha casa, terminou cahindo o panno sobre esta phrase da minha creada:

— O sr. bem pode vêr que uma pessoa não é de ferro...

Assente que nenhum mal quero á policia e d'ella não me queixo, volto ao meu caso.

Encharcado pela fedorenta agua de canastra d'uma peixeira que transitava pelo passeio d'aquelle deserto da rua do Arsenal, eu não disse uma nem duas áquella nossa irmã em Jesus Christo, porque, como v. ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, estas nossas irmãs em Jesus Christo sempre foram levadas de mil diabos, mormente agora, depois que é moda as senhoras secretariarem comicios em que se promete ao povo o proximo advento da republica com bacalhau a seis vintens, o que equivale a duas pavorosas indigestões. Mas vendo proximo do local do sinistro um senhor policia, a elle me dirigi e contei o mal cheiroso caso. A auctoridade, que agasalhou as mãos nos bolsos do capote, ouviu meus lamentos e perguntou-me:

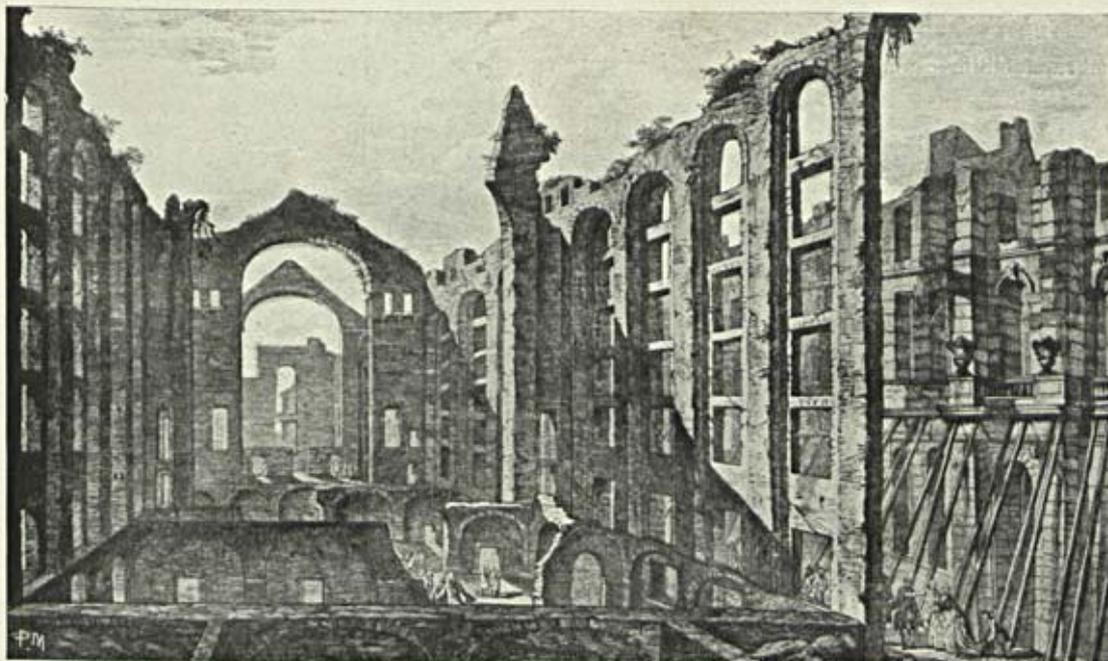
— Que quer que eu lhe faça?

— Á mim, nada. Desejaria que evitasse a repetição do facto mettendo a mulhersinha na ordem.

A auctoridade concluiu, afastando-se:

— Vá com Deus, vá com Deus, que é melhor...

E como eu concordasse, lá me fui, não sei se com Deus, como o senhor policia recommendára, porque Deus não deve andar muito satisfeito com a segurança publica, mas n'um estado de immundicie que chamava sobre mim a attenção geral.



O terramoto de Lisboa em 1755. — Ruinas da casa da Opera — (Da collecção do sr. Alfredo Guimarães)

O facto repete-se a toda a hora nas principaes ruas de Lisboa, e a toda a hora, nos pontos mais centraes da cidade, occorrem outros não menos graves para o decoro da capital. E são elles, entre outros, os insolentes dichotes a senhoras indefesas, por vezes acompanhados do respectivo atracão, proferirem-se palavrões de fazerem corar um arrieiro, saccudirem-se capachos e tapetes sobre quem se aventura a transitar por essas ruas, etc.

Ha dias, aqui proximo d'esta casa de v. ex.<sup>a</sup>, uma visinha minha que se compadece demasiadamente dos gatos vadios atirando-lhes, para a rua, embrulhos com cabeças de peixe, espinhas e outros generos alimenticios, exerceu tão desastradamente a caridade, que mandou um d'esses embrulhos ao chapéu de coco de um cavalheiro que ia passando. O caso não tinha desculpa alguma, porque o transeunte em questão não se parecia mesmo nada com um gato, comquanto ficasse naturalmente assanhado.

Como no *Noivado do Sepulchro*, esse cavalheiro «olhou em volta, não viu ninguém» que se parecesse com um policia. Compreendi-lhe o pensamento no olhar e fui passar busca á minha casa, busca que resultou infructuosa, porque a minha creada não dava recepção n'esse dia. Nem em minha casa havia um policia! E creia v. ex.<sup>a</sup> que quando não ha policias em minha casa, não os ha em parte nenhuma!

Verdade seja, que n'esse dia a sôpa não estava de appetecer; mas não é essa razão justificativa da ausencia absoluta do elemento policial n'uma habitação em que, no curto praso de dez mezes, foram apanhados quatro policias alimentando-se inconvenientemente.

E, francamente, meu caro conselheiro, v. ex.<sup>a</sup> comprehende muito bem que eu não estou para sustentar mandriões.

Por todas as razões expostas, estou resolvido a não pôr mais os pés na rua, salvos os casos em que não possa evitar essa perigosa aventura. Vou ficar em casa, porque não vejo nenhum remedio que me perserve dos males apontados.

Mas como nem na minha casa me posso considerar seguro, dado o desenvolvimento que entre nós tem tomado a roubalheira e a assalto á propriedade, venho impetrar a valiosa protecção de v. ex.<sup>a</sup> afim de conseguir um policia para a minha rua.

Comquanto os tempos não corram muito prosperos, declaro desde já estar prompto a sustentar esse mantenedor da ordem, sentando-o a meu lado á minha propria meza, nas horas communs de refeição, e a fechar os olhos a quaesquer excessos de appetite que elle commetta fóra d'essas horas.

Não prometto á creatura festins em forma; mas, se ella não fór muito exigente, creio piamente que tudo se harmonisará e todos ficaremos satisfeitos, até v. ex.<sup>a</sup>, por ter tido ensejo de ser agradável ao seu

Admirador e muito affectuoso creado

CAMARA LIMA.

P. S. — Julgo conveniente informar v. ex.<sup>a</sup> de que a minha creada está plenamente de accordo comigo sobre o assumpto. E' a felicidade completa!

C. L.

## Na romagem do absoluto

A' grande Sombra, familiar e amiga de Anthero de Quental

### I

Não sei se a paz divina que anhelavas,  
A entidade fulgida, immortal,  
Foste encontral-a, acaso, onde a sonhavas,  
No regaço da Noite sepulchral...

Não sei se as almas, como a tua, escravas  
Do influxo ardente da Belleza ideal,  
Embora livres já de humanas trevas,  
Se libertam jámais do ardor fatal...

Não sei, não quero mesmo investigal-o,  
Nem m'o digas, tão pouco, Alma robusta,  
Se é que, emfim, alcançaste devassal-o!

Meus olhos, que a Verdade não assusta,  
Sem desmaio souberam encaral-o,  
Mas... vela-m'os o pranto, Sombra augusta;

### II

Quero encerrar-me a sós, no pensamento,  
Contigo, como em rutilo sacrario,  
E, de joelhos, subir, pausado e lento,  
Os asperos degraus do teu calvario.

Quero assistir ao tragico momento,  
Em que a um mundo de lepras, tumultuario,  
Volveste o extremo olhar de desalento,  
Meu infantil e calmo visionario!

E, acingindo-me ás pregas harmoniosas  
Do teu manto, que bordam nebulosas,  
D'onde irradia um mystico pallor,

Sondar teu largo espirito profundo  
E das igneas entranhas d'esse mundo  
Arrancar o crystal da tua Dôr...

6 de outubro. 91.

III

Certo. Não vale a terra que pisamos,  
Cemiterio de larvas sem calor,  
Arvore morta de esgalhados ramos,  
Tela poeirenta de sumida côr;

Não vale o sujo palco, onde sopramos  
Pela tuba de bronze atroador;  
As Vaidades, que túrgidas, passeiamos  
Na comedia do Riso ou do Rancor.

— Não vale uma só lagrima vertida  
Na funda solidão da alma descrida,  
Na viuvez dos sonhos ideaes...

Não! Forçoso é despir a argilla humana,  
E, no seio da Morte ou do Nirvâna,  
Viver, emfim, ou não sonhar jámais!

14 de outubro. 91. — Foz.

M. Duarte d'Almeida.



Dr. Simões Barbosa

Honra-se o «Brasil-Portugal» publicando hoje nas suas columnas o retrato de um dos homens de mais valor actualmente em Pernambuco. O dr. Adolpho Simões Barbosa pela sua reconhecida competencia como medico, pelo seu character, pela sua intelligencia e afabilidade de trato soube conquistar geraes sympathias na culta sociedade do Recife. É chefe da clinica medica do Real Hospital Portuguez de Pernambuco e tambem no Hospital Pedro II, que a Santa Casa da Misericordia mantem — uma instituição que largos e relevantes serviços tem prestado, e a que nos referiremos em um dos proximos numeros.

## O terramoto na Italia e na Sicilia

Por muito interessante damos hoje na integra o brilhante discurso pronunciado, ha dias, pelo nosso illustre collaborador Consiglieri Pedroso, no sarau do theatro de D. Maria, promovido pela Sociedade de Geographia em favor das victimas dos tremores de terra.



**Consiglieri Pedroso**

*Director e lente do Curso Superior de Lettras  
Director da Sociedade de Geographia  
Socio effectivo da Academia Real das Sciencias*

Senhor!  
Alteza!  
Sr. ministro de Italia!  
Minhas senhoras e meus senhores:

Se não tem precedentes na historia dos grandes cataclismos terrestres — pela crueldade e pelo horror — a catastrophe que, com o coração coberto de luto, aqui vimos hoje rememorar, pôde dizer-se tambem que sem precedente é o commovedor movimento de solidariedade compadecida, que de todos os pontos do mundo civilizado converge para o local da funebre tragedia, que nos sobressalta e nos apavora, confrangendo-nos a alma n'um immenso aperto de dôr...

Parece que o homem, sentindo subitamente decuplicar-lhe, n'este angustioso transe, a força e a audacia, accoitou o repto da natureza brutal e impiedosa, e procura com a grandeza da sua dedicação altruista responder ao desafio, impondo-se á propria fatalidade das leis naturaes por um d'esses impulsos sublimes de generosidade, que arrancam lagrimas a todos os olhos e redimem todas as fraquezas e todas as miserias da nossa pobre humanidade!

Dos mais apartados confins da Europa, com effeito, da America, da Africa, do Japão, da China e da Australia, — como se uma gigantesca corrente de sympathia fraternal enlaçasse no seu colossal amplexo a terra inteira, — o grito é o mesmo: minorar na medida do possivel o soffrimento dos que escaparam á morte, e attenuar até onde ser possa os effeitos da extraordinaria desgraça, que não tem equal.

Todas as nações sem excepção se sentem feridas pelo golpe inesperadamente vibrado á nobre Italia, e como irmãs carinhosamente ajoelhadas deante da que lhes serviu de mãe na primeira infancia e lhes guiou depois os passos ainda incertos na radiosa estrada da vida, procuram diminuir-lhe o infortunio, tentando compartilhá-lo...

E' que a Italia, meus senhores, é a *alma mater* da civilização moderna, é a fonte perenne onde os maiores genios da Europa, desde Goethe até Ibsen, foram buscar amor e inspiração. Na esphera humanitaria do direito, no dominio positivo da sciencia e da politica e nos ideaes da arte onde crusam, como nos circulos do seu immortal

poema, as mil creações da eterna belleza, que só ella soube conceber e realisar, a Italia é a primeira, mais do que a primeira, é a unica — é o grande modelo inegalavel.

Na antiguidade, em Roma, deu á historia a nação universalista por excellencia, em cujo seio se fundem, como n'um enorme cadinho, todas as raças e todas as crenças, e depois de ter cantado com o mais mavioso e burilado dos poetas — Virgilio — a fundação da cidade, que se havia de converter n'um mundo, lega ás gerações futuras como a suprema synthese da sua cultura o novo direito humano do *Digesto* e das *Pandectas* e a nova religião do *Evangelho*.

Na alta Edade-Media, á propria raiz das invasões, dá-nos com Theodorico o primeiro esboço de um estudo politico ordenado: funda em Bolonha a mais antiga e respeitada das universidades europeias, — aquella que de todas as escolas havia de ser a mestra —; e depois, em meio da desordem e das trevas dos seculos ferreos que seguem, dá-nos no papado de Gregorio VII e de Innocencio III e unica força moral capaz de se impôr aos cahos do Occidente, retalhado em mil feudos rivaes e em mil irreconciliaveis inimizadas — força moral, que encontrou forma plastica e integralmente se realisoou com o andar dos tempos na instituição mais resistente, que tem existido e medrado.

No seculo xiii meus senhores, dá-nos a Italia o Dante; no seculo xiv dá-nos Petrarca e Boccaccio; no seculo xv dá-nos Leonardo de Vinci e Savonarola; no seculo xvi dá-nos Raphael e Miguel Angelo, dá-nos Ariosto e o Tasso; no seculo xvii dá-nos Galileu, o fundador da astronomia moderna; no seculo xviii Beccaria, o precursor do moderno direito criminal; no seculo xix, enfim, a coroar a aurea serie, onde se encontra tudo quanto melhor e mais bello o espirito humano tem produzido sobre a terra, dá-nos essa pleiade rutilante que nas diferentes provincias do saber é a gloria não só do paiz, de que constitue desvanecido e justificado orgulho, mas da humanidade inteira, que reclama como pertencendo-lhe de direito tão rico patrimonio, grande de mais para uma nação só!

São da Italia, meus senhores, todos esses pensadores-philosophos, que vão de Giordano Bruno a Terencio Mamiani; todos esses habilitissimos politicos, que vão de Macchiavelli a Cavour e aos outros

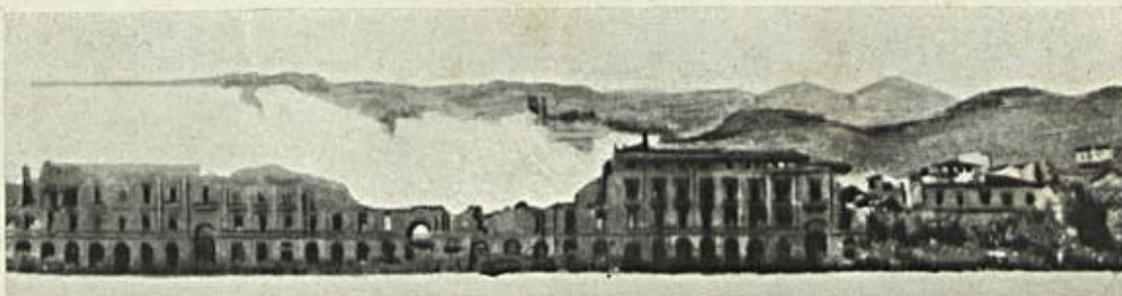


**O terramoto na Sicilia e na Calabria**  
*O incendio depois do tremor de terra*

fundadores do moderno reino; todos esses illustres soldados, que vão dos Sforzas a Garibaldi, o legendario heroe de Caprera, e a Carlos Alberto, o grande vencido de Novara.

São da Italia todos esses genias musicos que desde Palestrina até Verdi, em ondas de harmonia celestial e em melodias, que parecem aos nossos ouvidos mortaes echos vindos de outros mundos melhores, nos teem enlevado a existencia n'um arrebatamento perpetuo.

São da Italia todos esses artistas de raça, desde os cantores de Beatriz e de Laura — os dois mimosos symbolos do amor philoso-



**O terramoto na Sicilia e na Calabria.** — *Messina ardendo ainda no dia 1 de janeiro*

phico e do amor idealista — até esses pintores que de joelhos traçavam nas suas telas a doce e sorridente figura da *Madona*, coroada das infinitas perfeições, que a Renascença começava a sonhar como a tocante idealização da mulher na dupla e casta encarnação de esposa e mãe.

A' Italia pertencem ainda esses benemeritos sabios de Galvani ao padre Secchi, a Schiaparelli e a Marconi; esses talentosos dramaturgos de Goldoni a Bracco, a Giacosa e a Rovetta; esses romancistas de nomeada de Manzoni a Fogazzaro e a de Annunzio; esses inspirados e perfeitissimos lyricos de Leopardi a Carducci e a Vittoria Agunoor; e essas divinas mulheres da Ristori á Duse, que tantas vezes nos fizeram passar pelos nervos, violentamente saccudidos, o sagrado arripio da grande arte!

E são tambem italianos, meus senhores, todos esses argutos economistas desde Davanzati até Ricca-Salerno e Cossa; todos esses criminalistas celebres, desde o auctor do *Tratado dos delictos e das penas* até Lombroso e Ferri; todos esses historiadores eminentes desde Guicciardini e Muratori a Cesar Cantú e a Ferrero; todos esses viajantes ousados, desde Marco Polo, que devassou os mysterios do Extremo Oriente, até ao sympathico duque dos Abruzzos, que



**O terramoto na Sicilia e na Calábria**  
*Os soldados em busca das victimas*

desvendou os segredos do Extremo Norte; todos esses immortaes revolucionarios, emfim, que desde Mazzanielo — o audaz napolitano até Mazzini — o tenaz carbonario — ensinaram ao mundo como se redime uma patria, mesmo á custa dos mais dolorosos sacrificios.

Das modernas nações latinas não ha nenhuma, que não deva alguma cousa á Italia. Sem a Italia não teriamos nós o nosso Sá de Miranda, não teriamos a maioria dos nossos quincentistas — toda a nossa escola italiana —, não teriamos mesmo os *Lusiadas*; e a heroica epopeia dos nossos descobrimentos haveria sido outra sem esses marinheiros italicos, que a partir do reinado de D. Diniz para Lisboa trouxeram o genio das suas cidades marítimas.

Sem a Italia não teria a Hespanha Garcilasso, talvez o seu maior poeta, e não teria Colombo, em cuja frente Genova não soube adivinhar a estrella da inspiração que ia dar a Castella um mundo, o qual ainda assim a sorte quiz que ficasse com o nome de outro illustre italiano tambem, Americo Vespuccio.

A' Italia deve a França a noção da verdadeira arte na sua litteratura, o sentimento da belleza esthetica, que até ao seculo xvi lhe faltou.

Deve-lhe, como generosa desforra que ella tirou das invasões de Carlos VIII, de Luiz XII e de Francisco I, — este rei francez inscripto como cidadão de Veneza no «Livro de Ouro» da republica, — o conhecimento dos requintes de gosto dos Estes e dos Urbinos, e da elegancia aristocratica da cõrte de Ferrara, que tão grande influencia haviam de exercer na transformação artistica do povo francez. Deve-lhe ainda o bello capitulo d'essa especie de cavallaria litteraria, em que a Italia mystica da Edade Média, como a Magdalena que tivesse ajoelhado macerada e constricta n'um «Campo Santo», no poetico dizer de Edgar Quinet.

*«pentita sempre, ma cangiata mai*

se transforma na castellá amorosa que, embriagada por se vêr outra vez restituída á paixão dos sentidos, completa com um grito de triumpho a obra dos trovadores apenas esboçada na Provença. E até por ultimo a França deve á Italia esse terrivel Corso de genio, que a encheu de gloria militar, e que haveria feito d'ella para sempre a primeira nação do mundo se, estonteado pelos seus extraordinarios triumphos, não tivesse querido na sua incommensuravel soberba desafiar o proprio Destino, que não se deixa provocar impunemente!

A' Italia, finalmente, aos seus Scaligeros, aos seus Leão X, aos seus Julios II e á requintada curiosidade humanista dos seus Medicis, deve o mundo a revelação da inimitavel civilização grega e o poder ler hoje as immortaes composições de Sophocles, de Platão e de Homero!

Supprima-se a influencia italiana, meus senhores, na litteratura ingleza e terão desaparecido da obra de Shakespeare com Julieta e



**O terramoto na Sicilia e na Calábria**  
*No pateo d'uma casa de Reggio*

Desdemona as duas mais extraordinarias e pungentes tragedias, que teem feito soluçar peitos humanos. Suprima-se a influencia italiana na litteratura allemã e a obra de Goethe fica mutilada, pela amputação das suas mais bellas e classicas paginas. Sem a influencia italiana não existiria o *Corregio* de Oehlenschläger, essa preciosa joia das letras nordicas; e até Wagner, o menos latino dos grandes artistas modernos, foi á Italia buscar o motivo para uma das suas mais inspiradas creações.

Se da arte e da sciencia, propriamente ditas, passamos a outros dominios que mais contendem com a evolução social das nações, ainda n'elles a Italia affirma e mantem o mesmo incontestavel primado.

Foi ella que vibrou o primeiro golpe ao feudalismo triumphante com a implantação das suas republicas, que nos apparecem como um grito de liberdade em meio da oppressão universal, que suffocava todas as iniciativas de renovação e progresso. Genova, Pisa, Amalfi e Veneza são os centros de cultura livre, onde se elaboram os primeiros elementos de prosperidade das nações actuaes. Aves altaneis



**O terramoto na Sicilia e na Calábria**  
*Aspecto do môlhe de Messina, onde se iam depositando os cadaveres*

ras, soltando o vôo dos castellos roqueiros da península e pairando como o alcão acima das *italiane tempeste*, foi ao mar, onde não ha escravidões, onde não existem nem senhores nem servos, que estas cidadales confiaram a guarda da liberdade de commercio, que era o seu mais valioso thesouro.

A instituição do credito, a fundação dos bancos, a invenção da letra de cambio, tudo quanto continue hoje a base da nossa organização economica, devemol-o á Italia tambem.

A Veneza, a rainha coroada do Adriatico, devemos-lhe ainda mais. No seculo xv explorou ella commercialmente, para proveito da Europa inteira, todas as nações da terra, e foram as suas esquadras ás ordens da Senhoria, empavezadas com a cruz do Redemptor, que salvaram o Occidente christão e o impediram de cahir sob o dominio dos turcos.

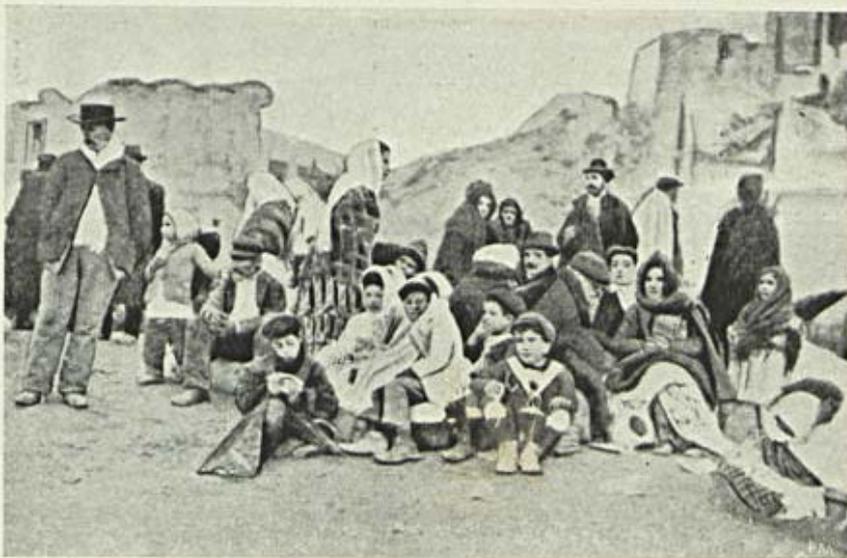
Aqui está, meus senhores, em brevisimo esboço e sem querer mais abusar da benevola attenção dos que me escutam, por que razão o mundo veste hoje luto ao ter noticia da pavorosa desgraça, que se abateu sobre duas das mais bellas cidades italianas. Essa formosa Sicilia, que ainda ha pouco parecia com os seus pomares, eternamente em flôr, um jardim encantado, preparado adrede por algum deus bemfazejo, para ali se gozarem ideaes prazeres, está agora convertida em parte n'um montão de ruínas fumegantes. São gritos de afflicção, gemidos de dôr, os que n'esta hora ali se ouvem, em vez das alegres canções, palpitantes de amor e de vida, que não ha muito ainda lhe animavam os campos verdjantes e as ridentes praias beijadas pelas vagas, que do mar Jonio lhe traziam no seu doce marulhar o perfumado osculo da Grecia.

Que terrivel capricho da insensivel natureza poude sem piedade destruir n'um instante só tantas vidas preciosas, tão importantes capitales, tantas alegrias, tanta felicidade?! Que odiosa sanha foi capaz de fazer tanto mal, sem uma compensação sequer?!

Sem uma compensação, meus senhores?... Quem sabe?...

Esses torvos coraçoados, até hoje mensageiros predestinados da morte, construidos como uma perpetua ameaça de destruição para os povos, esqueceram-se pela primeira vez da sua missão sinistra, e lá vão n'este momento, em romagem tres vezes santa, levar dos respectivos paizes soccorros e auxilio aos pobres sobreviventes da Messina e de Reggio.

Será este espectáculo, nunca antes presenciado, o annunciador

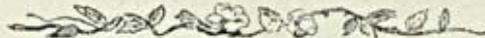


O terramoto na Sicilia e na Calabria

Em Messina — Sobreviventes esperando a chegada de um navio com soccorros

do novo dia de fr ternidade que surge, fecundado, ai! de nós, pelo sacrificio, não se sabe a que divindade sanguinaria, de tantas victimas innocentes?

Ah! senhores, se o sentimento de solidariedade entre os homens, se a cessação da inimizade que separa as nações, se o transformar-se o ferro homicida dos engenhos de guerra no instrumento fecundo de paz e no abençoado obulo da caridade que enxuga lagrimas e leva amparo aos que soffrem, tinham de ser comprados ao terrivel preço de tamanha hecatombe, ajoelhemos duplamente commovidos deante da enorme necropole de Messina, que no seu immenso horror nos terá servido a todos nós de redempção!



## Politica internacional

Um dos aspectos mais interessantes da actual questão balkanica é a situação internacional da Italia, especialmente a sua situação dentro da Triplice Alliança. Conforme é sabido, o acto violento e inesperado da Austria, annunciando a annexação da Bosnia e da Herzegovina, foi chronologicamente precedido por diversas conferencias de estadistas e de chefes de estado, entre as quaes teve logar a conferencia de Desio, em que trocaram ideias sobre a situação politica europeia o barão de Aehrenthal e o sr. Tittoni. D'ahi a pouco realisou-se o golpe de mão austriaco. Até que ponto foram d'elle informadas pelo menos as duas potencias que fazem parte da Triplice Alliança? A Allemanha apressou-se a declarar pela palavra não só do embaixador allemão em Constantinopla mas do proprio príncipe de Bülow, que até á ultima hora ignorára absolutamente o que em Vienna se projectava. Embora em termos não tão categoricos o sr. Tittoni quiz dar a perceber o mesmo com respeito á Italia.

Serão dignas de credito estas duas declarações? Acreditará alguem que a Austria se abalançaria a um passo de tal gravidade sem previamente ter pelo menos sondado as suas duas alliadas, e sem se ter certificado de que na peor das hypotheses ellas a não contrariariam? Decerto que não! E' necessario que de uma vez para sempre os diplomatas se convençam de que acima das suas ficções e dos seus *distinguos* está a opinião publica esclarecida do mundo inteiro, que já não é a mesma que nos tempos passados accitava como um dogma tudo quanto das chancellarias partia. Ninguem dá credito n'este ponto ás declarações da Allemanha e da Italia, e mal se chega a comprehender o fim com que se insiste em fazer acreditar semelhante ingenuidade.



O terramoto na Sicilia e na Calabria

Uma das ruas de Messina depois da catastrophe

Com relação á Italia além d'isso o tom do primeiro discurso do sr. Tittoni, logo após o annun-

cio da annexação, deixou bem perceber que em Roma estavam ao corrente de tudo o que se passava e ninguém se deixou surpreender pelos acontecimentos. Foram mesmo estas as palavras textuaes do ministro. Verdade seja que mais tarde, ao ter conhecimento da attitude de franca intransigencia da França, da Inglaterra e da propria Russia, o ministro dos negocios estrangeiros italiano procurou emendar a mão e harmonisar as suas declarações com as palavras pronunciadas pelo sr. Pichon, por sir Edward Grey e pelo sr. Isvolsky. Mas este facto, de mera estrategia ministerial, em cousa alguma altera a situação official da Italia no começo do conflicto. E dizemos propositadamente a «situação official» da Italia, porque a situação da opinião publica, a «situação nacional», propriamente dita é diversa. A nação italiana condemnou abertamente o attentado da Austria contra o tratado de Berlim; collocou-se francamente ao lado da Turquia, da Servia e do Montenegro; e censurou com vivacidade a politica de Tittoni, que classificou de subserviente para com a Austria. Succederam-se os *meetings* em que o ministro dos negocios estrangeiros foi duramente atacado, choveram as moções favoraveis ás reivindicações dos slavos balkanicos, e começou a accentuar-se esse movimento contra a Triplice Alliança, que havia de ter como epilogo as celebres e historicas sessões da camara dos deputados, em que, quer o governo do sr. Giolitti queira quer não, uma nova orientação internacional lhe foi imposta pelos representantes da nação, com um calor e uma unanimidade pouco vulgares na sala do palacio de Montecitorio.

E estas sessões da camara italiana foram em verdade historicas. O governo alcançou n'ellas maioria, não ha duvida; e aparentemente tudo ficou como estava. Mas a verdade é que tudo mudou depois da discussão da moção Fusinato, dando-se o caso singular de terem fallado contra ella de facto quasi todos os oradores, embora votassem a favor d'ella. Já a fórma como pela opposição foi subli-



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Um dos palacios de Messina depois do cataclysmo*

nhado o discurso do sr. Fusinato manifestou claramente o sentimento da camara. Este sentimento mais patente ficou ainda pela maneira como foi recebido o discurso do sr. Barzilai, que atacou a fundo não só o apresentante da moção de confiança, mas de preferença o ministro dos negocios estrangeiros. Quando, porém, a camara eloquentemente demonstrou o seu modo de sentir, foi depois do discurso do barão Sonino e sobretudo depois da brilhante oração do sr. Fortis, antigo presidente do conselho, a quem a camara fez uma ovação ruidosa, sem precedente nos annos parlamentares da Italia, pelo menos dos ultimos tempos. Os discursos dos dois oradores governamentais prejudicaram mais o ministro dos negocios estrangeiros do que as fortes arremetidas dos deputados da opposição, e pôde dizer-se affoutamente que se o sr. Giolitti não tivesse corrido em defesa do seu collega, a estas horas o sr. Tittoni estaria demissionario. Foi a lealdade do presidente do conselho que o salvou. Se será por muito tempo não é facil dizel-o já. Mas em todo o caso salvou-o no momento actual.



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Messina — O que resta d'uma rua da cidade*

Tanto o barão Sonino como o sr. Fortis se manifestaram partidarios da continuação da Italia na Triplice Alliança, afirmando qualquer d'elles que os interesses politicos do reino encontravam n'essa aliança a melhor salvaguarda. Mas tanto um como outro, especialmente o segundo, declararam não concordar com o papel que n'essa combinação diplomatica a Italia estava representando, por motivo da fraquesa do ministro dos negocios estrangeiros, que não mantinha como lhe cumpria a dignidade do paiz diante do governo de Vienna. E' extraordinario, exclamou o sr. Fortis entre os applausos atroadores da camara, que o unico paiz d'onde vem uma ameaça de guerra para a Italia é a Austria, sua aliada! Ou este estado de cousas cessa de uma vez para sempre ou a Italia vê-se-ha obrigada a sahir da Triplice Alliança. E' preciso que a Italia retome a unica posição que lhe convem no grupo, onde até agora a tem considerado como uma associada de segunda ordem. Ou completa egualdade com as outras duas potencias, ou absoluta liberdade de acção. O actual estado de subalternidade não pôde continuar.

A camara, fazendo a este discurso o acolhimento a que nos referimos, embora haja votado com o governo, condemnou da maneira mais explicita a politica até hoje seguida pelo sr. Tittoni. Mas não foi sómente o sr. Fortis, que fallou n'este tom decidido. O discurso do barão Sonino, apesar de mais moderado na fórma, não foi menos severo na condemnação da politica do ministro dos negocios estrangeiros. Pôde até dizer-se, que dado o feito ponderado do orador e a sua eminente posição como ex-presidente do conselho e chefe da opposição, as suas palavras ainda tiveram maior pezo.

A impressão d'estes tres formidaveis discursos não foi por fórma alguma attenuada pela replica do presidente do conselho e do proprio ministro incriminado. O sr. Giolitti, não obstante ter defendido com grande lealdade o seu collega, não pôde deixar de concordar com o modo de vêr do sr. Fortis e do barão Sonino; e o proprio sr. Tittoni, que fez um longo discurso em parte para se desculpar do que elle chamou as omissões do seu discurso de Carate, não conseguiu impressionar melhor a camara.

Emquanto ao sr. Fusinato a impressão geral foi a de que excedeu



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Como ficou a rua de Cavour*

muito na sua defesa da Austria mesmo o que lhe era licito como apresentante da moção de confiança. O epitheto de «deputado austriaco», com que lhe interromperam a oração, e a reprimenda que na sua replica lhe deu o sr. Barzilai, dizendo-lhe que um discurso assim nunca deveria ter sido pronunciado no parlamento italiano, represen-

taram o modo de ver geral não só em Montecitorio, mas fóra da camara mesmo nos círculos mais moderados.

Se tão circunstanciadamente nos referimos ao debate na camara dos deputados italiana a proposito da questão balkanica, é porque este debate teve uma verdadeira importancia historica e está destinado a marcar uma nova orientação não só na politica externa da Italia, mas na politica geral europeia. Não ha duvida, e inutil é preterender occultar a verdade com todos os euphemismos possiveis, que



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Messina — O Banco Italiano*



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*A Perfeitura de Policia de Messina*

a Triplice Alliança sahio muito mal ferida da discussão. E' verdade que todos affirmaram a conveniencia da Italia não sahir d'esta combinação diplomatica, mas affirmaram-n'o de um modo condicional, quer dizer, do momento em que o reino podesse n'ella conservar-se em pé de perfeita egualdade com os dois imperios da Europa central. Senão, não. Resta saber se n'estes termos a esses imperios convirá a colloboração italiana. O simples facto da camara de Roma, reflectindo n'este ponto com fidelidade a opinião do paiz inteiro, ter posto esta questão, representa um golpe irremediavel na Triplice Alliança, que de hoje em diante não pôde continuar a subsistir como até aqui, embora seja substituída por outro pacto, como todos desejam ou pelo menos dizem desejar. E' certo, porém, que a antiga Triplice findou o seu papel. A attitude do governo de Roma na conferencia de Algeciras foi o primeiro rebate da denuncia do tratado

quencias materiaes e moraes da grande desgraça nacional. E' um d'estes casos imprevistos, com que ninguem pôde contar, mas que são capazes de mudar completamente os planos politicos mais sabiamente concebidos. Assim, na propria occasião em que a Italia reclamava a sua liberdade de acção dentro da Triplice Alliança para em pé de perfeita egualdade com a Austria proceder nos Balkans conforme conviesse aos seus interesses, chegando a ameaçar as suas duas aliadas de se separar d'ellas no caso de semelhante egualdade lhe não ser reconhecida, um terrivel desastre vem momentaneamente tirar-lhe os meios de poder affirmar essa liberdade de acção que tão ruidosamente no parlamento tinha anunciado. Não ha duvida que este eclipse da Italia é apenas temporario e tão sómente durará o tempo do seu mais rigoroso lucto. Ainda assim é o sufficiente para lhe enfraquecer a situação internacional, e sobretudo para lhe fazer



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Messina — Estado em que ficou a habitação d'um sacerdote*



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Restos da porta de Messina*

negociado entre Crispi e Bismarck. A recente attitude do parlamento italiano escreveu-lhe o definitivo epitafio. Mas não foi só o parlamento que lh'o escreveu. O proprio sr. Tittoni espraçando-se em largas considerações, que em S. Petersburgo tão grande echo encontraram, sobre a approximação e accordo com a Russia—um dos actuaes adversarios mais irreductiveis da Austria—mostrou tambem que a nova orientação não era extranho o governo, e porventura pronunciou contra a continuação da Triplice Alliança a condemnação mais formal.

perder a oportunidade que em diplomacia, como em tudo o mais, apenas uma vez se apresenta . . .

Como quer que seja, porém, agora ou mais tarde, o novo caminho da Italia está definitivamente traçado. E a recente orientação é tanto mais irremessivel quanto ella é o ultimo termo de uma evolução já ha tempos evidenciada por diversos incidentes, que a nenhum dos interessados deviam passar despercebidos. A este respeito somente se illudiu quem quiz.

CONSIGLIERI PEDROSO.

## O rochedo da dansa

(Lenda Suíça)

Um dos mais pittorescos cantões da Suíça, — o de Berne, — altas montanhas servem de encosto à aldeia de Iseltwald, situada nas margens do lago de Brienz.

Na época em que o domínio austriaco impunha aos montanhezes d'este paiz um rigoroso jugo, os habitantes de Iseltwald, então em pequeno numero, distinguam-se e ennobreciam-se pelo seu patriotismo e pelo desejo que sem cessar manifestavam de verem o seu paiz recobrar a antiga liberdade. Muitas vezes até haviam attrahido, pela sua attitude excessivamente independente, as suspeitas e a colera do senhor de Sarnem, o mais temido déspota dos arredores. Um d'elles, chamado Kreuz, que possuía em Iseltwald um chalet e pequena cerca, era, apesar dos seus cabellos brancos, o que mais ardente se mostrava contra os soldados austriacos, cujas depredações enchiam de angustia e terror os seus compatriotas, sendo tambem o mais encarnicado inimigo de todos os que exprimiam qualquer sentimento de sympathia pelos oppressores do seu paiz. E bem se viu isto n'uma circumstancia que se apresentou, pouco tempo antes de Guilherme Tell, pela sua dedicação heroica, dar o signal da libertação da Suíça.

A filha de Kreuz era, de ha muito, a prometida esposa d'um jovem montanhez, Frantz, que, embora orphão de pae e mãe, desde tenra idade, lograra alcançar, pela affabilidade para com todos, e pela destreza em perseguir os gamos, a estima e amizade da maior



O terramoto na Sicilia e na Calabria  
Os feridos no arsenal de Napoles

parte dos habitantes de Iseltwald. Kreuz promettera-lhe a sua filha unica, na certeza de que a faria feliz e na convicção de que em seu genro encontraria sempre um utilissimo auxiliar para expulsar o estrangeiro do territorio helvético, se a colera surda, que inflammava todos os corações, chegasse a explodir n'uma revolta.

Imagine-se, pois, que ira geral se espalhou em Iseltwald, ao saber-se, que Frantz, seduzido pelas promessas do senhor de Sarnem, que lhe notara o bello porte e destreza em manejar as armas, consentira em pôr-se ás suas ordens, envergando o uniforme dos seus soldados.

Libré de escravo era tal uniforme, no dizer dos suíços, que, em bom direito, consideraram o acto de Frantz como vergonhosa traição para com os seus e como cobarde abandono da sua liberdade.

Kreuz, cuja colera ultrapassára a dôr, prohibiu-lhe a entrada em sua casa, quando alli ousou apresentar-se, no dia seguinte ao da sua deserção. Em vão se lhe lançou aos pés a filha, pedindo-lhe para não ser inexoravel, recordando-lhe que fóra elle proprio quem lhe promettera Frantz para esposo; nada o velho quiz ouvir, e respondeu severamente ás supplicas que lhe eram dirigidas:

— Frantz, disse, era, ha dois dias, tão livre como a aguia que paira sobre as nossas montanhas e todo o ataque desafia; hoje, entregou-se aos nossos inimigos e não é mais que um miseravel escravo. Amava-lo, sem duvida, mas deves de ora ávante evita-lo e procurar esquecê-lo, se és patriota.

Durante muitos dias immersa em pranto, a jovem pareceu resignar-se por fim, e, desde então, nunca mais o nome de Frantz foi pronunciado no chalet. Despertadas, no entanto, poderiam haver sido as suspeitas do velho suíço por certas ausencias mysteriosas da filha, se não tivesse o espirito occupado pelos acontecimentos, que, subito, se produziram.

A resistencia opposta por Guilherme Tell a Gessner, e a morte d'este governador, occasionada por uma flecha arremessada por mão ignota, fizeram com que a todos os suíços se affigurasse propicio o ensejo de tomarem as armas, aproveitando a confusão dos inimigos,

para ataca-los. A trama foi secretamente urdida. Em Iseltwald, foi Kreuz um dos que mais se esforçaram por leva-la a bom termo. Em cada habitação se fabricaram armas, que, juntas depois, eram levadas para uma caverna da montanha, situada perto da aldeia, mas que os soldados austriacos não conheciam. Deviam alli ir busca-las no dia da revolta, fixada para breve.

Havia-se pensado em Frantz, temendo-se que conhecesse a caverna, mas todos creram que longe estariam os austriacos de suppôr o que os ameaçava. Isto, porém, não era assim, pois que o senhor de Sarnem soubera pelos seus soldados que se havia fabricado armas, pensando comtudo que eram pouco numerosas e nem pela



O terramoto na Sicilia e na Calabria

Uma casa de Messina, vista de frente depois do terramoto

ideia lhe passando que em rebellião se puzessem todos os aldeãos. Resolveu, todavia, mandar apprehender as armas e punir os culpados.

Kreuz, que tudo havia organizado, á espera do almejado dia, certo estava, que os austriacos, surpreendidos pelo imprevisto ataque, sómente opporiam uma fraca resistencia. Uma tarde, em que, sentado ao pé da janella, respirava, a plenos haustos, o ar das montanhas, embalsamado pelo perfumes do eloendros, enxergou a filha, que, procurando não ser vista, sahia rapidamente da cerca.

Admirado de tal, a semelhante hora, sabiu e seguiu-a.

A joven dirigiu-se para o lago, ou, antes, para um rochedo gigantesco, perto da aldeia.

Este rochedo, de prodigiosa altura, debruça-se sobre o lago, tendo por cume um pequeno planalto, terminado em rochas cortadas a pique. E' alli tão luxuriante a vegetação, que as grandes hervas que lá crescem e as moitas, que extendem a ramagem por sobre as ondas, parecem engrandecer o pequeno planalto. Do alto do rochedo, domina-se todo o lago, cujas ondas reflectem as gigantescas



O terramoto na Sicilia e na Calabria

Uma imagem tal como appareceu debaixo das ruinas

montanhas que o cercam, e cujos flancos, cobertos de pinheiros, apresentam um aspecto sombrio e imponente. N'uma das extremidades, apparece Brienz; na outra, Interlaken, atraz do lago de Thun, ostenta as margens graciosas.

Fôí a esta eminencia que subiu a joven. A custo reprimiu Kreuz um grito de colera, quando viu approximar-se d'ella um homem, no qual reconheceu Frantz. Conteve-se, porém, e occultou-se n'uma moita, perto de ambos. Os raios pateados da lua branqueavam o

lago e illuminavam-lhes os rostos. Kreuz sentiu reverter a raiva, quando Frantz, dirigindo-se á jovem, lhe contou que o senhor de Sarnem o encarregára da missão de procurar as armas que os aldeões de Iseltwald haviam escondido, e lhe perguntou se conhecia o paradeiro d'ellas. O velho, torturado pela ansiedade, tremia, suspenso dos lábios da filha. Depois da sua desobediência e cobardia, iria ella revelar a Frantz um segredo que o pae confiára a sua honra?

Recusou, primeiro, sem dissimular, todavia, que conhecia o es-

patria foi libertada. Kreuz fez prodigios de valor, distinguindo-se pela sua inextinguível coragem; mas, depois da victoria, voltou ao chalet, onde ficou immerso em tristeza, fugindo ao convívio de todos os seus antigos amigos. Os seus compatriotas attribuíram tal mudança á perda da filha, desaparecida sem se saber como. Só momentos antes de expirar foi que o velho contou aos que o rodeavam a terrível narrativa da traição da filha. Reza a lenda, que, desde esse dia funesto, o rochedo, theatro d'aquellas mortes, é frequentado por fadas e demonios, que todas as noites alli se entregam a dansas infernaes. Desgraçado de quem lá ousar subir, ao avizinhar-se a noite, se a alguma promessa houver faltado; em meio de desenfreados bailados, vê-se suspenso por sobre o lago e ameaçado de ser precipitado n'elle. Só ao raiar do dia findam os seus tormentos. Por isso os habitantes de Iseltwald lhe chamam rochedo da dansa, e o evitam sempre com terror.

## Bando preeatorio no Porto em favor dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria



Da esquerda para a direita: representantes dos bombeiros de Gaya, Leça e Porto, Augusto Pereira da Costa, Brito e Cunha, Candido de Pinho, Machado Pereira, Delfim de Lima e inspector dos incendios do Porto.

conderijo. Frantz redobrou as instanciaes, as supplicas, invocou o amor que os unia, pintou o furor do senhor de Sarnem, se voltasse sem nada haver descoberto. A sua antiga noiva escutava-o com terror, mas guardava silencio. Sentia quão culpada se tornaria, trahindo a sua palavra e o seu paiz... Mas, vencida afinal pelas palavras de Frantz, lançou-se-lhe nos braços, e os seus lábios trémulos murmuraram o nome da caverna da montanha. Kreuz arremessou-se para os traidores, para os amaldiçoar e castigar. Estes, assombrados pela imprevista appareição, recuaram com terror, mas, escorregando-lhes os pés na herva humedecida pela bruma da tarde, cahiram do alto da rocha, e as aguas do lago abriram-se para recebê-los.

No dia seguinte, rebentava, em Iseltwald, a revolta, que assignalada foi pelo triumpho. Os projectos dos suissos vingaram e a sua



## PÔR DO SOL

(Da minha varanda)

N'um postal.

HO JOÃO PERESTRELLO

O sol recorta as franças dos pinhaes,  
Verde negras sobre oiro transparente;  
Cede um tom fulvo aos brancos areaes  
Que ao longe mostra a aura do poente.

Sente-se iodo e sal no brando vento  
Que faz arfar os pampanos das vinhas.  
Chia na estrada um carro sonolento;  
Recolhem gados, tângem campainhas.

Nas eiras já não malham manguaes,  
A torre do logar bate as trindades;  
As tardas pombas entram nos pombaes,  
E entram no coração fundas saudades!

Barreira, 11-IX 908.

J. de Oliveira Simões.



Bando preeatorio no Porto em favor dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria  
A passagem do bando no Campo da Regeneração

## Castigo imposto por D. João I á villa de Barcellos

Entre os muitos privilegios, honras e isempções, que os reis de Portugal concederam á villa de Guimarães, se encontra uma provisão d'el-rei D. João I, em que manda, que os vereadores da villa de Barcellos vão varrer a praça e açougues de Guimarães todas as vésperas das festas da camara d'aquella villa, que n'aquelle tempo eram nove.

A causa porque D. João I lançou este tributo sobre a villa de Barcellos, foi a seguinte:—Indo este rei a tomar a cidade de Ceuta,



Bando precatório no Porto em favor dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria  
*Musica do Terço abrindo o cortejo*

como tomou, a 21 d'agosto de 1415, repartiu as estancias da muralha da cidade pelos moradores das cidades e villas, que com elle foram e o ajudaram n'esta empreza, para que cada um guardasse e defendesse a que se lhe entregava. Os mouros se refizeram, e tornando com grande força para recuperarem a cidade, que tinham perdido, a investiram com grande alarido á escala, fugindo os de Barcellos, e deixando de todo livre a estancia, cuja defesa lhe tinha sido confiada. Vendo isto os de Guimarães, se dividiram em dois troços, um com que foram occupar e defender aquella, e outro com



Bando precatório no Porto em favor dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria  
*O carro dos voluntarios*

que defenderam a sua; e com tanto valor o fizeram, em uma e outra estancia, que só d'elles os inimigos se foram mui queixosos. Castigou el-rei a fraqueza dos de Barcellos com lhes mandar, que fôsem varrer a praça e açougues aos de Guimarães, a quem gratificou, com esta honra, a sua valentia.

Por espaço de mais de 70 annos continuaram n'esta servidão os vereadores da villa de Barcellos, nas vésperas das festas acima ditas, da sorte que lhes foi mandado, com um barrete vermelho na cas-

beça, uma banda ao hombro da mesma cor, a espada á cinta, e um pé descalço e outro calçado, e vaçoura de giesta, que eram obrigados a trazer para fazerem a limpeza; e acabada ella, iam á camara, e entregavam aos vereadores o barrete e banda com que davam satisfação á sua servidão; os quaes vendo se algum faltava a ella, o condemnavam em pena pecuniaria; até que, não havendo quem quizesse ser vereador n'aquella villa, o duque de Bragança, D. Jayme, fez contracto com a camara e povo de Guimarães, de lhe largar, do termo da villa de Barcellos, de que era senhor, as freguezias de Cunha e Ruilhe, para continuarem n'aquella obrigação. Foi por todos admittida esta proposta, e que d'alli em diante os moradores das duas freguezias, já então de Guimarães, pelo contracto feito e assignado, fôsem obrigados a fazer a limpeza, que os vereadores de Barcellos deviam fazer, o que estes d'ahi avante continuaram a fazer, e com as mesmas circumstancias.



## Primeiras peças do theatro portuguez

O drama nacional mais antigo é um de Gil Vicente, representado em 1502, na cõrte de D. Manuel.

No reinado de D. Sebastião, o cego Balthasar Dias, poeta natural da Ilha da Madeira, publicou um grande numero de autos e outras obras, humildes pelo estylo, mas com toques tão nacionaes e tão gostosos para o povo, que ainda hoje, são lidas por este com avidéz. *D. Ignéz de Castro*, tragedia de Antonio Ferreira, foi a segunda da Europa, sendo a primeira a *Sofonisba*, italiana.

Depois:—*Comedias de Camões*;—*Comedias de Sá de Miranda*;—*O Cerco de Diu*, de Simão Machado; etc



Baptista Coelho (João Phoca)

*Baptista Coelho — cujo retrato encima estas linhas — o afamado João Phoca do Jornal do Brasil, chegou, viu, e venceu, como o general romano.*

*Pela graça no dizer, pelo espirito dos concetos, e pelo poder revelado da observação, conquistou os homens, e o que é mais difficil, as mulheres. As suas conferencias sobre o Namoro e os Bailes no Rio de Janeiro acabam de prolongar em Lisboa a nomeada por elle adquirida ha muito na capital brasileira.*

*O que mal se conhece cá é o seu valor de chronista scintillante, a graça satyrica e por vezes mordente da sua penna, a flexibilidade da prosa com elle esmalta frequentemente as columnas do Jornal do Brasil — a popularissima folha do Rio de Janeiro.*

## Na Republica Argentina

*O aniversario de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II*



Sessão solenne realisada pela Sociedade Portuguesa de Soccorros Mutuos, do Rosario, para festejar o anniversario natalicio de El-Rei

*Não esquecem os portugueses, por mais distantes que se encontrem da sua terra, a patria que de todos foi berço e o rei, que a symbolisa, representando todas as suas tradições gloriosas. Na cidade do Rosario, na Republica Argentina, foi o anniversario de El-Rei festejado com grande entusiasmo, lembrando-se todos da patria distante e do jovem monarcha que preside actualmente aos seus destinos. Além da recepção no consulado português a cargo do sr. Edmundo Esmeraldo, cavalheiro que goza das maiores sympathias entre toda a colonia, devemos destacar a sessão solenne promovida pela Sociedade Portuguesa de Soccorros Mutuos cuja direcção, de que é presidente o sr. Luiz P. Marques, é digna dos maiores louvores.*

## THEATROS

**D. Maria**, *Rosinha do Castello*. — **D. Amelia**, *O chá das cinco horas*. — **Principe Real**, *O azebre*. — **Avenida**. — **Trindade**. — **Gymnasio**. — **Rua dos Condes**. — **Colyseu dos Recreios**.

O pouco espaço de que hoje dispomos está na razão inversa do muito que sobre theatro tinhamos a escrever. Assim, somos forçados a dizer duas palavras apenas, as indispensaveis para registar n'esta columna os nomes das obras theatraes representadas na quinzena decorrida.

Originaes nada menos de tres: a *Rosinha do Castello* em **D. Maria**, *O chá das cinco horas* em **D. Amelia** e *O azebre* no **Principe Real**.

Na primeira procurou o sr. Maximiliano d'Azevedo reproduzir costumes simples dos Açores e em alguns quadros bem traçados conseguiu dar a impressão da vida regional da Ilha Terceira. Repassou-a de uma pontinha de adulterio para dramatisar a acção e soube tirar d'ahi o effeito que procurou.

Nas duas scenas que reproduzimos figuram os artistas que tiveram na peça um desempenho de destaque: Ignacio, Joaquim Costa, Adelina Abranches e Barbosa.

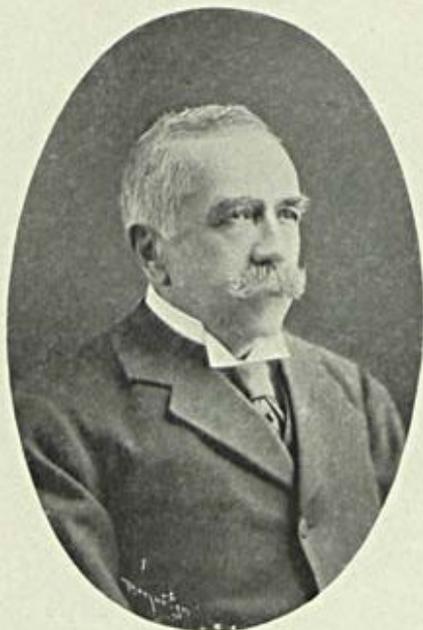
As qualidades já reveladas pelo sr. Augusto de Castro como auctor dramático evidenciam-se em *O chá das cinco horas*: poder de dialogação, *verve*, traços leves marcando personagens, ditos que traduzem observação, frouxa acção theatral.

Podem ter valor peças assim, mas não tem o de chamar gente. Foi o que aconteceu á comedia elegante do sr. Augusto de Castro, não obstante o talento e o espirito espalhados por todos esses tres actos em que Emilia d'Oliveira, Angela Pinto, Josepha, Cecilia Nunes, Augusto Rosa, Chaby, Alves, Alexandre d'Azevedo e Pinheiro reproduziram com brilho os personagens desenhados pelo auctor.

O ultimo original representado foi o *Azebre*. Encheu-se da melhor gente das *premières* o velho theatro da **Rua da Palma**.

O auctor, Lopes de Mendonça, nome consagrado, consagrado o artista, Ferreira da Silva, que para noite de sua festa escolhera esse original, a tradição que acompanhava a peça, dos theatros por onde ella tinha transitado, tudo attrahiu uma concorrência vasta e selectissima ao **Príncipe Real**.

O *Azebre* é a peça do sr. Lopes de Mendonça, que tem mais talento dentro dos seus tres actos, sendo ao mesmo tempo aquella que tem menos theatralidade. Não se preoccupou com isso o auctor que



Maximiliano de Azevedo

Auctor da «Rosinha do Castello»

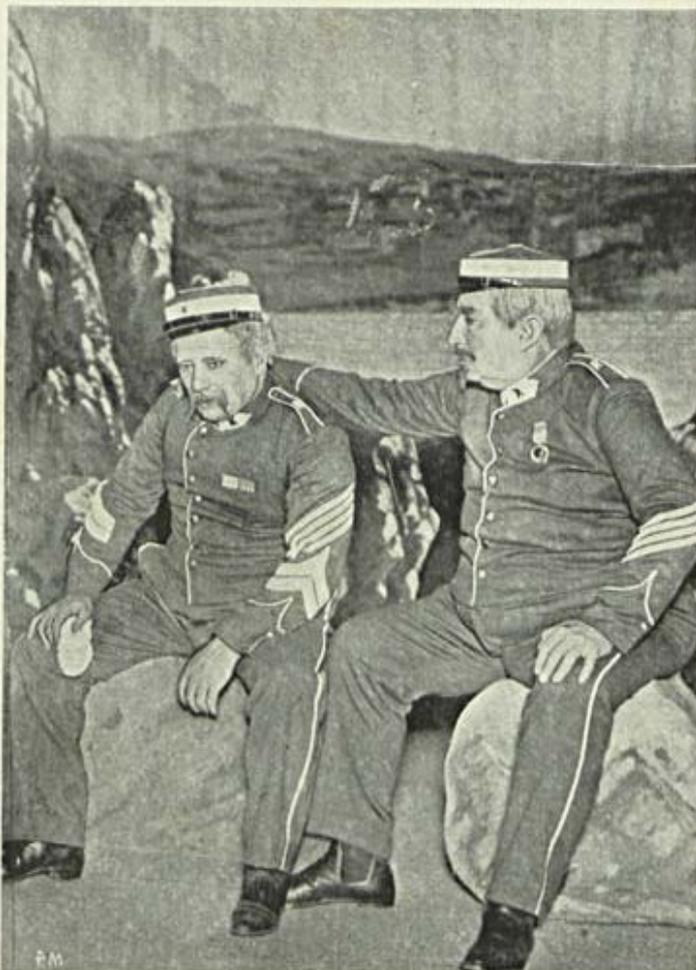
teve por principal objectivo crear um personagem, fazer viver em scena uma figura de pathologia, apresentar um bohemio de genio, um creador de sensações artisticas, um philosopho á sua maneira, que despreza todas as convenções sociaes, ri de todas ellas, e só nas mais baixas camadas populares sabe viver e respirar.

Esta excentrica individualidade reproduziu-a Ferreira da Silva, com um cuidado, um estudo e uma observação, que abonam as suas qualidades de artista moderno e sempre progressivo. Ao auctor laureado e ao seu talentoso interprete fez o publico a justiça que devia, chamando-os em todos os actos e applaudindo-os calorosamente. O outro papel importante de *O Azebre* é o de Adelia, que na concepção do auctor leva a dedicação de amante até á submissão de escrava. Maria Falcão fez um louvavel esforço para pôr em relevo toda a parte interessante e sentimental do seu difficil papel.

Estes são os originaes da quinzena; temos agora *reprises* e tra-

duções novas: temos o *Leque*, em **D. Amelia**, que Augusto Rosa escolheu para sua festa e em que o grande artista tem uma das suas grandes creações. N'esta esplendida comedia fez Emilia de Oliveira o seu melhor trabalho de theatro.

A **Trindade** tem agora em scena a *Somnambula*, continuando



Os actores Ignacio e Joaquim Costa n'uma scena da «Rosinha do Castello»

assim a cumprir o artistico e patriótico programma de nacionalisar as mais afamadas operas estrangeiras.

O **Gymnasio**, a **Avenida**, a **Rua dos Condes** não tiveram peças novas nos quinze dias decorridos, e bem mostraram pela concorrência do publico não precisar d'isso; finalmente o **Colyseu dos Recreios** com a sua excellente companhia de variedades e os recentes numeros que tem apresentado continua de vento em pòpa, dispondo sempre d'esta força invencivel: a sympathia do publico.



**D. Maria II.** — Uma scena da «Rosinha do Castello»